

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA



Editorial

Neste momento já sabemos a Junta que Fão escolheu para gerir os seus destinos no próximo quadrénio. Luís Viana continua presidente. O povo lá terá as suas razões. É pois ao presidente re-eleito que nós dirigimos mais este recado. Verdade seja que L. V. prima por não acatar quaisquer indicações veiculadas através de «O Novo Fangeiro». Estamos a lembrar que há tempos o nosso jornal evocou a figura de António Leite Ribeiro, porventura o conterrâneo que fora de portas conseguiu atin-

é o refúgio dos namorados, o paraíso de muitas aves e uma delícia paisagística para quem a contempla dos lados de Esposende. O nosso amigo, arquitecto Júlio de Oliveira, mandou vir de Aveiro umas árvores de porte rastejante, margaceiras é o seu nome (há quem lhes chame tamariz), procedeu à sua plantação nos terrenos em frente da estalagem e elas pegaram magnificamente.

Ora, aproveitando a experiência daquele hoteleiro e tendo em conta que outras árvores ali foram aparecendo ao acaso, inclusivé pinheiros, apelamos à Junta para que arborize aquele local. Já sabemos que a zona se encontra tutelada pelas Hidráulicas e todos sabe-

RECADO À JUNTA II

gir maior nome. Muito logicamente e com inteira justiça sugeriu-se o nome deste ilustre publicista para emoldurar a toponímia local. Alguém nos ouviu? O recado fica em aberto.

Pois hoje a nossa focagem vai de novo para as árvores, para o arvoredo que é a terceira riqueza de Fão. Só que desta vez o arvoredo a que nos estamos a referir situa-se, ou antes, começa a surgir na Junqueira. Por feliz capricho da natureza o rio, depois da ponte, «encostou-se» ou aprofundou-se na margem direita. Não sabemos as razões, embora certos entendidos nos asseverem que esta deslocação da corrente tem muito a ver com a restinga que se formou junto à foz. O certo é que no espaço outrora ocupado pelas águas os juncos foram medrando (daí o nome de Junqueira) o paul cresceu igualmente e, à parte uns córregos naturais, o chão tornou-se transitável. Algumas árvores afoitaram-se por aquelas zonas e hoje a Junqueira

mos que este organismo pouco ou nada se preocupa com a estética e a ecologia das regiões. Mas trata-se de uma zona de Fão e se a nossa Junta tentar arborizá-la, cremos que encontrará os meios técnicos e burocráticos para a consecução deste objectivo.

Estamos perante uma iniciativa não muito vistosa como seria se se tratasse de iluminar uma rua, levantar uma escola ou ajardinar um largo. Trata-se porém de uma medida que reforça a vertente para que Fão está mais vocacionado que é o turismo. E depois, vejam lá, o rio, numa das suas misteriosas prodigalidades, ofereceu-nos de mão beijada um terreno que é um desafio à inteligência e à iniciativa do homem.

Estamos crentes, por isso, que Luís Viana, a quem os seus detractores acusam de «não dar mais», vai caprichar-se a sério e mostrar que é um Presidente com a dimensão sócio-cultural que Fão merece.

AGRUPAMENTO DE ESCUTEIROS DESAPARECE

Segundo uma comunicação da Flor de Lis, órgão oficial do C.N.E. (Corpo Nacional de Escutas) foi extinto em Fão o Agrupamento dos Escuteiros. O motivo de extinção prende-se com a falta de actividade dos dirigentes locais.

Este agrupamento criado há cerca de 10 anos desempenhou uma acção muito importante entre a juventude local. Com o andar dos tempos, porém, os dirigentes tiveram que procurar trabalho fora da terra, o que de certo modo os desmotivou para as coisas do escutismo. Lamenta-se o seu desaparecimento já que os escutas eram vistos com muita simpatia na terra.

E o que vai acontecer à Fanfarra? Esta

é a pergunta imediata que muitos fangeiros farão ao ler esta notícia.

A Fanfarra, acoplada aos escutas, é uma realidade da nossa terra e constitui, quicá, o agrupamento que melhor polariza as atenções da juventude. Muito do brio, do orgulho, do bairrismo, da tradição e da capacidade artística dos fangeiros condensam-se ali naqueles jovens garbosos e naquelas moças disciplinadas. Ali está também muito trabalho, muita dedicação, muita fangeirice do Chefe Miro. Por tudo isto a Fanfarra não pode desaparecer.

E então? Na impossibilidade de ressuscitar o agrupamento escutista (será impossível mesmo?) devia pensar-se em agregar a Fanfarra a qualquer associação da terra. Aos Bombeiros, por exemplo. O azar é que o Chefe Miro tem estado adoentado o que vem complicar a questão, já que ele é o motor da equipa.

Apelamos para todos os fangeiros, para as associações da terra, para que não deixem morrer esse voluntarioso grupo que é a Fanfarra dos Escuteiros.

CONSOADAS

Em vários locais de Fão e promovidas por entidades diferentes realizaram-se consoadas colectivas com distribuição de brinquedos à pequenada.

Disseram-nos que no Hospital realizou-se um lanche especial para a miudagem do Infantiário. Houve canções, alegria e ainda bonitas prendas.

Parece que no Lar da Terceira Idade houve também uma linda festa que encheu de muita satisfação os utentes daquela casa.

Tomámos conhecimento ainda que a Direcção e Comando dos Bombeiros de Fão reuniram com todo o corpo activo no Salão Nobre do Quartel para um jantar de confraternização em jeito de pré-consoada.

A ementa foi toda confeccionada «em casa», a reunião decorreu com muito entusiasmo e os brindes feitos foram todos no sentido de que a Benemérita Associação continue a desempenhar um papel cada vez mais relevante ao sul do concelho de Esposende.

Mas onde a festa do Natal atingiu maior retumbância foi no Hotel Ofir dedicada aos filhos dos sócios do Clube Fãozense.

O lanche, disseram-nos, ficou por esc.: 150\$00 por criança e esc.: 700\$00 por acompanhante, tudo suportado pelos cofres do Clube. Houve prémios de certo valor, variedades, e os «má-linguas» da terra asseveram-nos que o Clube Fãozense nesta festa de Natal dispendeu algumas centenas de contos.

Também no Hotel do Pinhal os rotários tiveram a sua festa de Natal dedicada de um modo especial aos rotarinhos.

Foi um jantar normal «abrilhantado», porém, com bacalhau e rabanadas. No período de «actualidades e comunicações» usou da palavra o dr. Juvenal Silva que pretendu comunicar a todos os presentes o significado do Natal através de uma vivência rotária. Começou de uma forma erudita por explicar o aparecimento da quadra natalícia nas comunidades cristãs. O barulho ou o entusiasmo na sala estavam elevados. O orador bem alteou o voz, bem mudou de lugar, emprestou cambiantes de tom ao seu discurso, mas a sua mensagem perdeu-se. Faltou ali um alti-falante.

O repasto continuou muito animado com uma promiscuidade ideológico-política digna de registo. E dizemos isto porque apesar de estarmos no rescaldo das eleições — e todos nós sabemos quanto o clima aqui aquece — as pessoas sentaram-se indiscriminadamente, conversaram sem quaisquer restrições com muita amizade e tolerância, embora os «piques» volteassem nos ares com certa animação. Aquilo é um exemplo de convívio saudável.

la animado o repasto quando o Pal Natal (dr. José Alberto) emerge da noite encavalitado num alazão, todo recheado de lindos presentes. Foi o delírio na sala, o que se prolongou pela noite fora com a chamada das crianças (algumas já matulotas) para a entrega das prendas.

O rotário Andrew Cosgrove, natural da Escócia e actual Director da Tebe, Barcelos, entoou com trombetas, juntamente com dois filhos, algumas melodias próprias da quadra de Natal.

Enfim, foi uma festa muito linda como os rotários do Clube de Esposende sabem fazer.

«O Novo Fangeiro» esteve lá o que não aconteceu noutros sítios, pois as agremiações fangeiras esquecem que na sua terra existe um jornal que poderá fixar para a História momentos especiais da vida local no último quartel do séc. XX.

NA CAPA: — O desenho da primeira página é da autoria do nosso querido amigo poveiro Fernando Gonçalves, um talentoso artista plástico e um insigne violinista que normalmente actua no Casino da Póvoa de Varzim.

O Mundo em que vivemos

Lágrimas de Elefante

Olhando ao título, poderá parecer que este artigo tem um carácter pessimista, como nesta secção costuma ter a maior parte deles — não todos.

Na verdade, num mundo em que a escala de valores se altera constante e perigosamente, em que a violência, a insegurança, a irresponsabilidade têm lugar proeminente, quem quiser narrar factos reais não tem muito por onde escolher para evitar o pessimismo.

De resto, o nosso pessimismo é consciente e inteiramente assumido. Ele vale como uma chamada de atenção para os problemas com que todos nos defrontamos no dia a dia. Se falámos no choque de comboios de Alcaface, foi para alertar para a necessidade de acabar com as «vias únicas» nos nossos Caminhos de Ferro; ao lamentarmos a morte dos 14 Bombeiros, estávamos a chamar a atenção para a necessidade de apetrechar as respectivas Corporações com o material técnico preciso para a sua segurança e eficiência. É esse o nosso objectivo.

E terminado este breve aparte, iremos entrar no assunto de que hoje nos propomos falar.

É um facto real, ocorrido no Jardim Zoológico de Cuchambe, há pouco tempo mas parece mais uma história de enternecer, e como tal o vamos narrar:

Era uma vez dois elefantes (macho e fêmea), que viviam juntos há 27 anos no cativeiro comum. Eram considerados um casal perfeito até que, com os primeiros frios, o elefante-fêmea morreu, vítima de pneumonia.

Então o elefante-macho ajoelha-se junto da companheira, impedindo violentamente que o cadáver fosse retirado dali. E — assim afirmam os jornais —

dos seus olhos as lágrimas corriam, abundantes. Era a união de uma vida inteira perdida para sempre, que ele queria reter a todo o custo.

Toda a noite velou a companheiro e, na manhã seguinte, não só deixou como ajudou a levar embora o cadáver.

Que se terá passado na mente do elefante nessa noite, ante o corpo que ia arrefecendo a seu lado?

Não sabemos. Ninguém jamais o saberá. Mas podemos supor que talvez ele tenha aprendido a grande lição da efemeridade da vida.

Na realidade, não há nada sobre a superfície da Terra que dure sempre. Nem para os homens... nem para os elefantes.

E. REAL

RETALHOS DE POESIA

SERRA VIRGEM

Serra bravia e altiva,
Que te não curvas ao mar ...
Cobres teu corpo de flores
E o teu rosto de luar ...

A neve branquinha e pura
Dá-te um manto de noivado ...
Que o Sol arranca sem fúria
Como terno enamorado.

Serra agreste e solitária
De solidão triste e dura,
Tu, de longe, até pareces
Aquarela sem moldura.

Serra virgem, não pisada,
De ventre fecundo e são.
Dá-te ao Homem com amor,
Gera com ele o seu PAO.

CECÍLIA DE AMORIM

Aumente o seu COLESTEROL!

Então como vai esse colesterolzinho? Com os pitéus da quadra natalícia deve ter trepado por aí acima... E nós vamos dar-lhe mais uma ajudinha. pois então!

SOUFLÉ DE PESCADA

Pescada cozida — 500 gramas.
Leite — 1 litro.
Farinha — 5 colheres de sopa, bem cheias.
Azeite — 2 colheres de sopa.
Manteiga — 1 colher de sobremesa.
Ovos — 6.
Cebola — 1.
Sal e pimenta — q.b.

Tira-se a pele e as espinhas à pescada cozida e desfaz-se em lascas.

Com o azeite e a cebola picada faz-se um refogado e, quando estiver loiro, deita-se-lhe dentro a pescada, a refogar.

Faz-se um creme bem grosso com o leite, a farinha, as gemas, a manteiga, sal e pimenta a gosto.

Junta-se a pescada refogada a este creme, ao qual são juntas as claras batidas em castelo (mas juntam-se sem bater mais).

Deita-se a massa assim obtida num pirex e vai a forno no demasiado quente. Quando estiver crescido e dourado, está pronto.

E agora a sobremesa:

COCADINHAS

Ovos — 4 (só as gemas).
Açúcar — 250 gramas.
Côco — 125 gramas.

Batem-se as gemas com o açúcar e o coco e vão ao forno em forminhas untadas com manteiga e não demasiado cheias.

Vamos a ver se o sr. colesterol se deixa tentar mais uma vez pelas coisas gostosinhas... Espero que sim.

E desejando que tenham tido muito Boas Festas, despeço-me até ao próximo mês, se Deus quiser.

TIA MARIQUINHAS

Pagaram as assinaturas os Srs.:

Angélico Vale Miranda, Fão, 500\$00;
Manuel Pires do Monte, Fão, 500\$00; Ernestino Alves Magalhães, Fão, 500\$00;
Abel Costa, Fão, 500\$00; D. Cecília Amorim, Lisboa 500\$00; Dr. João Barrote, Portimão, 1000\$00; Arlindo Lopes Cardoso, Fão, 500\$00; José Maria Borda Cardoso, Porto, 500\$00; Celestino Faria de Moraes, Fão, 1000\$00; José Sá Pereira, Fão 850\$;
Joaquim Novais, Fão, 500\$00; Valdemar Faria, Fão, 500\$00; Mário dos Santos Ferreira, Fão, 1000\$00; D. Ana Maria Vieira Santos, Fão, 500\$00; D. Ana Soares Nogueira, Póvoa de Varzim, 500\$00; Júlio de Araújo Gonçalves Novo, Fão, 850\$00; e Manuel Rocha, Porto, 500\$00.

Boas Festas

Enviaram-nos cartões de Boas Festas os senhores: Fernando Almeida, do Porto; D. Cecília Amorim, de Lisboa; Dr. António Pedro Costa, do Porto; Pedro Viana, de Fão; Dr.ª Maria Angela Soeiro, de Portimão. Esta nossa assinante enviou-nos um amável e encorajante cartão. Aquela saudade!...; João Barrote, de Portimão. Enviou-nos também uma longa carta com alguns apontamentos curiosos. Um abraço; e Hotel Nélla. A todos os nossos agradecimentos.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.DA

création ARMAÇÕES — OCULOS SOL

AZAL

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS

Vamos apresentar a seguir o resultado das eleições realizadas no último dia 15 de Dezembro para a Assembleia de Freguesia. O primeiro número refere-se ao ano de 1982 e o último ao ano de 1985.

	82	85
APU:	223/	79
PS:	180/	80
CDS:	615/	749
PPD/PSD:	272/	525

Verifica-se que tanto a APU como o PS acusaram baixas substanciais. Dizem que teria havido uma deslocação para o CDS, mas a nós tanto se nos afigura provável e plausível que essa fuga se tenha verificado para dentro do CDS como do PPD/PSD, pois ambos subiram. Aliás é nossa convicção que nas eleições autárquicas as pessoas não votam nos partidos mas nos nomes das listas. Luís Viana tem as suas limitações, sem dúvida, faz os seus fretezi-nhos (quem os não faz?), mas é um bairrista muito entusiasta e tem feito coi-

sas. Temos que admitir que sim. Come-teu um erro crasso ao não reunir a Assembleia local. Esteve-se marimbando para todos, mas esses quase todos votaram nele.

Será o candidato ideal para Fão? Bem, nós respeitamos a vontade popular. Votou Luís Viana? Pois viva o Luís Viana. Ele é o Presidente da Junta de Fão.

Fazemos votos para que o novo Presidente de Assembleia de Freguesia, Eng. José Manuel Costa convoque as respectivas assembleias nos prazos certos. Temos disso a certeza. É importante que o povo da freguesia tome conhecimento dos problemas mais graves que o afectam e que se pronuncie sobre opções fundamentais para o futuro de Fão. Temos por exemplo o caso do saneamento. Como vai terminar, isto é, qual vai ser o destino dos detritos? Um rio, uma lagoa artificial, uma estação de tratamentos? Como é que é? As pessoas tomam consciência dos assuntos e tornam-se até mais cooperantes. As assembleias não se fazem para desfeitear ninguém, mas para as pessoas saberem por que normas se vai processar a sua vida nos dias futuros. Temos outro exemplo: a extracção das areias, das areias que são de Fão. Quem ganha com isso? Com que custos? Com que prejuízos? O povo deve saber e o local próprio é a assembleia de freguesia. Entendidos, caro Engenheiro?

Para a Câmara foi reeleito o Eng. Losa. Dizem-nos que para a sua inofismável vitória concorreu, o modo, a inteligência, uma certa *aisance*, com que actuou nos comícios preparatórios. Em Fão houve-se muito bem. Foi decisivo e esclarecedor. As pessoas, mal preparadas, fizeram perguntas cujas resposta beneficiou o inquiridor.

Na Assembleia Municipal vai estar a nossa conterrânea Dr.^a Rosa Maria Torres Ramos Fonseca. Serão as suas primícias político-partidárias. Espera-

mos que a sua cultura e sensibilidade preservem Fão dos atentados urbanísticos e ecológicos de que vem sendo vítima de há uns tempos para cá. Boa sorte.

Elevação de Fão a Vila

Culminando uma série de iniciativas que se prolongaram anos a fio, a terra de fão foi elevada a vila em 8 de Janeiro de 1976.

Decorrem portanto dez anos e neste décimo ano, ou seja, ao longo de todo o ano de 86 seria aconselhável que a nossa Junta desencadeasse uma série de acções que comemorassem condignamente o evento.

Estamos a lembrar a feitura de um cartaz, a realização de provas desportivas, um festival da canção, palestras e, por que não?, um concurso de varandas.

Outras iniciativas se poderiam tomar por conta de um grupo de trabalho criado para o efeito.

Consagrava-se assim uma data importantíssima para a terra e ao mesmo tempo dava-se um safanão enérgico no marasma em que Fão tem vivido ultimamente.

Ponte de Fão é monumento nacional

Como noticiamos há tempos a ponte de Fão foi considerada monumento nacional, a partir dos últimos dias de Dezembro de 1985.

Isto implica, além de outras coisas, que a área de terreno que lhe está adjacente ficará igualmente sob a tutela da Direcção Geral de monumentos nacionais. Qualquer modificação nos edifícios que ficam abrangidos pela área de protecção necessitará de uma autorização especial assim como a extracção de areia ficará sujeita a novos condicionamentos.

Longa Vida



o que é bom da natureza

FÃO

de antigamente

Apresentamos mais uma fotografia de uma festa dos Bombeiros que atira lá para a década de 50. Está no uso da palavra o falecido Prior de Fão, P.º Nogueira, e vêem-se ainda na mesa da Presidência: o escultor Esteves (falecido), Ave-lino Carneiro (falecido), dr. Barrote, e Agonino Pereira. Dos lados: Carlos Mariz, Prof. Alberto Pedras (falecido), Comandante Teixeira (falecido) e a seu lado, cremos, Celestino Pires. De pé estão o António e as então meninas Ariete e Fernanda.



O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

SILVESTRE GOUVEIA

(o D. Miguel)

Rezam as crónicas antigas⁽¹⁾ que à volta de 1840 existiam em Fão três barbeiros.

Uma chamava-se José, o Papa Ranho ou o Língua de Vaca, assim conhecido por meter constantemente a língua nas fossas nazais. Outro era o Tio João das Mechas cujo apelido lhe adveio da circunstância de ter sido o primeiro comerciante em Fão que introduziu no mercado local as mechas que foram as antecessoras dos fósforos. O terceiro barbeiro tinha de registo o nome de Silvestre Gouveia, mas passou à posteridade com a alcunha de *D. Miguel*.

É deste personagem que hoje nos vamos ocupar, pois dos outros não dispomos de dados suficientes.

Era natural de Barcelos e um fervoroso miguelista, advindo daí o *sobriquet* que legou à posteridade. O país estava envolvido numa guerra fratricida — as famosas lutas liberais — que opunha entre si dois grupos antagónicos. Um, constituído pelos absolutistas, era liderado por D. Miguel. O outro, formado pelos constitucionalistas, tinha por chefe seu irmão, D. Pedro. Os dois blocos odiavam-se de morte e a guerra ou as sucessivas guerras civis que se travaram, entremeadas de ferozes perseguições, foram a expressão desse ódio levado ao rubro.

Miguel Silvestre, fiel ao seu ideário político, alistou-se nas hostes miguelistas, tornou-se um militar valoroso e destemido, tendo-se salientado no cerco do Porto, contra os Duques de Terceira e da Saldanha. Terminada a guerra pela Convenção de Évora Monte, voltou para Barcelos, sua terra natal, e aí montou uma barbearia ao ao livre, junto à fonte de S.ta Mónica que existia à entrada da vila, ao pé dos paços do Duque de Bragança.

Os dias grandes eram aqueles em que os lavradores das redondezas iam às feiras. Servia-lhes de bacia a taça da mesma fonte por baixo da bica que despejaria a água permanentemente.

Foi sempre um homem fiel ao seu absolutismo, nunca se deixou vencer nem convencer pelos novos ventos e muita vez teve que pedir ao seu paizinho Pad Ciço para que não deixasse fugir o gume da sua navalha para a carótida daqueles clientes menos prevenidos que se sentavam na cadeira aos vivos a D. Pedro IV. Depois de agradecer ao santinho a graça concedida, ele rematava,

ameaçador e solene: «D. Miguel há-de vir um dia e ai dos mafarricos dos malhados (assim eram chamados os liberais...).

E D. Miguel para aqui, D. Miguel para ali, o nome pegou-lhe ds estaca.

É óbvio que este arreigado miguelismo era conhecido de toda a gente e igualmente das autoridades que o traziam debaixo de olho. Numa altura em que Silvestre se meteu em grave desordem devido às suas «ideias», expulsaram-no da vila e do terreiro de Barcelos.

Não se incomodou muito com a expulsão e como era saudável e trabalhador pegou nas trouxas e veio instalar-se em Fão onde abriu nova barbearia, primeiro numa casa da R. da Igreja e depois junto ao rio, «numa casa pertencente às Manicas, próximo da propriedade de João Vicente». (2)

A «luta» em Fão continuou, pois mestre Silvestre não só trouxe de Barcelos o apelido de D. Miguel que o irritava solenemente, como a fama de turbulento para quem se revelasse *malhado*. A garotada não lhe deixava a porta, chamando-lhe constantemente «D. Miguel», «D. Miguel», o que deveras enfurecia o nosso homem. Perdia a cabeça, deixava o cliente com a bacia na mão e «amandava-se» pela porta fora, chamando todos os raios e coriscos a quem assim o incentivava.

Esta cena faz-nos lembrar um não menos famoso barbeiro que existia em Braga nos nossos tempos de menino e moço. Morava na Rua dos Chãos. Chamava-se Braga. Quando alguém lhe passava pela porta e lhe perguntava: «não há nada, Sr. Braga?», nem queiram saber: deixava o cliente com meia cara ensaboadada ou com metade do cabelo por cortar, aproximava-se da porta e despejava sobre a rua baldes e baldes de palavrões que se ouviam na igreja de S. Vicente.

Trabalhava ainda na Secretaria Episcopal e quando alguém lhe telefonava e fazia a mesma pergunta, a reacção era ainda aí brutal. Sem qualquer respeito pelos cônegos e mosenhores presentes, desatava num chorrilho de asneiras que só parava quando lhe faltava o ar.

Era assim também o nosso D. Miguel. A sua irascibilidade não poupava sequer os amigos. Uma certa ocasião encontrava-se sentado à lareira com o seu amigo Barbosa enquanto fervia na

fogueira a água com que mais tarde ia fazer as migas. A certa altura da conversa o amigo, esquecendo-se da «alergia» do Silvestre, perguntou-lhe: «D. Miguel, quantas barbas fizeste hoje?»

A frase ainda não estava acabada e já ele recebia em cima dos pés o pote da água a ferver chutada pelo irascível D. Miguel.

— Isto é para saberes que só existe um rei em Portugal que se chama D. Miguel e que os malhados escorraçaram mas que há-de ser o rei deste país — ouviam-lhe os vizinhos dizer, enquanto o outro fugia pela rua a dizer que o queriam matar.

Morreu sem ver os desígnios políticos realizados, mas foi sempre um homem de uma só cara, de uma só fé e de um só credo político.

Uma lição para tantos saltibancos do nosso tempo.

(1) A Verdade, de 17-7-1920.

(2) A Verdade, de 24-7-1920.

CASAMENTO ELEGANTE



Foi com esta irradiante simpatia que se consorciaram no dia 28 de Dezembro os nossos bons amigos dr. José Augusto Nobre Madureira e Isabelle Geneviève Dias das Almas.

A cerimónia religiosa realizou-se na Matriz de Esposende às 17 horas, seguindo-se depois um cocktail, jantar e baile no Hotel Suave Mar.

«O Novo Fanguero» sentiu imensa satisfação pois o Zé é cá dos nossos e a Isabelle é uma esplêndida amiga desde há muitos anos.

Os papás Madureira e Tony estavam igualmente contentes bem como os inúmeros amigos, quer da noiva quer do noivo. O baile durou até às tantas, que os noivos não faziam tensão de despearem.

Felicidades!

Grupo dos Amigos de Fão

POSTO MÉDICO

Voltamos de novo à liça, como prometemos, com o caso do Posto Médico a funcionar hipoteticamente no edifício do Grupo dos Amigos de Fão. A notícia-hipótese foi veiculada pelo nosso colega «Nascer de Novo», correspondência de Fão, com uma beliscadura à honorabilidade do «Grupo» que nós consideramos demasiado ofensiva e dizemos porquê.

Em primeiro lugar o correspondente ignora o valor histórico daquela casa, desconhece as realizações efectuadas e

PELO HOSPITAL

Consta-nos que o médico anestesista do Hospital de Fão, dr. Damião Arriscado, dispensado de prestar serviço naquela casa hospitalar aquando do processo que envolve igualmente a saída do Dr. Juvenal Silva, recorreu da decisão emanada da Provedoria do Hospital, ganhou em todas as instâncias do Tribunal do Trabalho e acabou por ser reintegrado com uma indemnização que ultrapassou o milhar de contos.

Consta-nos ainda que o referido médico vem uma vez por semana ao hospital e permanece numa sala de consultório cerca de duas horas sem ser ocupado para nada. Ao fim do mês leva o seu ordenadinho para casa. Entretanto o Hospital está a pagar a um outro médico anestesista, suplementar, pelos trabalhos efectuados no bloco cirúrgico do Hospital de Fão.

o papel importantíssimo que desempenha como polo de atracção da colónia balnear. Numa altura em que se verifica uma debandada generalizada de turistas para o Algarve, deve dizer-se, pode afirmar-se, que muitos banhistas de Fão permanecem ligados à nossa praia e a esta terra e pela amizade e sã camaradagem com que o Grupo dos Amigos envolve todos os seus membros. Aquela Casa substitue um posto de turismo que não temos, actua como um centro de convívio para os nossos banhistas, funciona como sala de visitas de muitos que vêm até nós, actua como centro de propaganda da nossa terra e faz de elo de ligação com os banhistas e destes com a localidade.

Depois disse o correspondente que naquela Casa se praticavam cenas nada edificantes. Tal afirmação é ofensiva à colónia, ofende ainda todos os sócios e a respectiva Direcção. Desde há muitos anos que frequentamos os «Amigos» e nada presenciámos que não se tenha verificado noutros locais idênticos onde coabitem rapazes e raparigas. Será que alguma cena de beijos teria ferido a sensibilidade do informador do correspondente? Todos aqueles que andam pelos liceus sabem que a cena do beijo está hoje generalizada e até institucionalizada. Os professores passam pelos corredores e se um par está numa de

«beijo à dentista» nada há a fazer. Ai daquele «Profe» que ouse mandar uma recriminação! É ridicularizado pura e simplesmente. Sinal dos tempos, dizem-nos.

Ora bem, se o correspondente de «O Nascer de Novo» com o seu remoque quer referir-se a uma eventual cena de beijos trocada adentro daquelas vetustas paredes, então terá que esconjurar todas as escolas secundárias do País, o Salão da Catequese, os jardins e bancos públicos da vila, as margens do rio, o areal da praia e todos os sítios onde convive a juventude.

Última razão: não estamos a ver o nosso jovial Prior, pessoa de uma simpatia e urbanidade deveras cativante, metido no papel dum Mc Carty cá do sítio. Com certeza que foi informado por um qualquer simpático ansião(ã) para quem os prazeres da juventude não passam de uma irreversível e dolorosa saudade.

Assembleia de Freguesia

Na sexta-feira, dia 3 de Janeiro, reuniu a Assembleia da Freguesia. Finalmente...

Tratou-se essencialmente de escolher os membros da Assembleia e da Junta que ficaram assim constituídos: **Assembleia** — Presidente, Eng. José Manuel Teixeira Costa; Secretário, António Figueiredo; Vogal, Oscar Viana. **Junta** — Presidente, Luís Viana; Secretário, Manuel Nascimento; Tesoureiro, António Viana.

A Assembleia apresenta cinco elementos do CDS e quatro do PSD.

Todos os membros da Junta e da Assembleia pertencem ao CDS.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

A vasta colecção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da sêntese de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género. Tem a certeza e a plena actualização que lhe dá a autoridade de uma obra de referência.

PORTO EDITORA, LDA. Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º - 4100 PORTO
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua do João Álvares, 971 - Apart. 12 - 2007 COIMBRA
SAR L. RUMINGELDA. Rua de S. João, 12 - 4000 LISBOA

ENCONTRO

*Acenou-me do jardim
Uma rosa toda bela;
Eu fiquei prendido a ela
E a rosa prendeu-se a mim.*

*Em silêncio, nós os dois,
Estivemos frente a frente;
Na despedida, depois,
Dei-lhe um beijo comovente.*

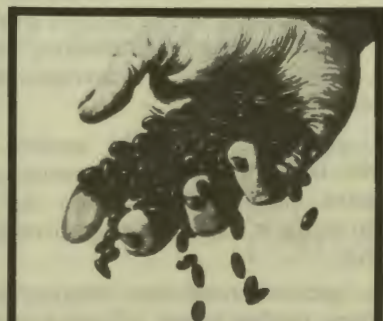
*Ela deu-me no final
Seu perfume enebriante,
E eu deixei no roseiral,
Meu coração palpitante.*

*E aprendi da simples flor,
A lição nunca esquecida:
Dar sempre aos outros o amor,
Como perfume da vida.*

DINIS VILARELHO

Escola Secundária de Esposende

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje uma correspondência da Esc. Sec. desta vila, o que faremos no próximo número.



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

CARTAS AO DIRECTOR

FACHO — RUINAS DE VALOR HISTÓRICO EM FÃO

Senhor Director

Recordei com agrado a transcrição dum notícia publicada em «O Primeiro de Janeiro» nos finais de 1974.

E digo com agrado pois, o texto, corresponde integralmente ao que escrevi para chamar à atenção de alguém responsável para o que se passava com as ruínas, ao lado da capela da Senhora da Bonança. Contudo, nenhuma entidade se preocupou com as ruínas e, mesmo a Comissão Municipal de Arqueologia, ao tempo, após contactos com alguns dos seus elementos.

A degradação continuou e, creio, foi no mandato de Luís Viana, já na Junta de Freguesia que algumas das pedras voltaram ao local primitivo.

Paredão na praia

Já foi adjudicada a uma firma de Vila da Feira pertencente ao nosso bom amigo António Cavaco a obra de construção de um molhe que se situará junto das Pedrinhas e que vai beneficiar, diremos melhor, vai salvar a praia de Fão.

Sem sombra de qualquer dúvida trata-se da obra mais importante que acontece em Fão, nos últimos tempos, não tanto pelos custos implicados, mas pelas consequências que daí resultarão.

Pelo caminho que as coisas estavam a seguir, as torres estavam condenadas, as residências debruçadas sobre o mar não iam resistir à fúria das ondas bravias e o próprio restaurante não escaparia indemne ao perigo.

Os estudos foram feitos e chegou-se à conclusão que o prolongamento de um paredão pela praia dentro resolveria o problema. É o que vai acontecer.

Fão não pode deixar de estar contente e agradecida.

É a sua salvação que chega neste ano do cometa de 1986.

Entretanto, Óscar Fangueiro, escrevera-me a pedir mais pormenores atendendo ao seu interesse por coisas de Fão.

Quanto possuía, se bem me lembro, foi cedo.

O Boletim dos CTT, em Março de 1975, de minha autoria, aborda o mesmo assunto, com mais desenvolvimento, após aturadas buscas de informações.

Sendo assim, é surpreendente a paternidade deste levantar de véu sobre o Facho da Bonança, esquecendo-se o seu verdadeiro autor.

Espero que se registre este apontamento e para «César o que é de César...».

Um abraço do

Artur Costa

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Artur Costa
Cecília Paixão Amorim
Dinis de Vilarelho
Zinha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cimo n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★ ★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



por ZINHA

E bot'ó ano velho fora, e venha o novo, cá pa dentro! Tarantantam, tantarantantam, tantarantantam ...

E eu corria à janela e, por entre os vidros, espreitava. Era ali mesmo na frente! Uns poucos de rapazes, dez, doze anos! Falavam alto, gesticulavam. Curiosa, abria a janela muito devagarinho, só um bocadinho, para poder ouvir a conversa e ninguém me ver ...

— Está calado, tu arreias sempre. És um lingrinhas!

— Sou nada, faz-me doer muito o ombro. Não vês que aqui só tem osso?

No chão, uma carrela e em cima dela, sentado, repimpado, o Ano Velho! A sua roupa era mesmo velha. De cara pintada, mais bordada que pintada, ali estava, à espera que o içassem de novo.

— E tu também, meu pés d'urso, sabes fazer de leve? P'ró ano, num vens!

E o Ano Velho, encolhido agora, nem tugia nem mugia, certamente com medo de que o tirassem já do seu trono, onde, apesar de todos os balanços, se sentia bem, porque não cansava as pernas. Arranaram-lhe um prato de esmalte, velho, que ele tinha na mão e puseram-se a contar. As moedas tilintavam. Havia um que devia ser mais forte em contas porque disse logo:

— Tantas ruas por onde já andámos e só toca um cruzado a cada um?

— Tanto trabalho para um cruzado? — pergunta outro.

— E tu que cantas? Pareces uma cana rachada e ainda a gente está a dizer — «bot'ó ano velho», já tu dizes: «e venha o novo» ...

— Bem, para as Pedreiras, não vamos que é muito escuro. Vamos para o Ramalhão!

— Pr'ó Ramalhão?! Oh, lá dá pouco ...

— Ao menos a «croá» para cada um. Há muitas casas que não nos falaram. Vamos para trás outra vez?

— Sigal

— Esperai, esperai um bocado que eu vou aqui à Cangosta. Estou apertado.

E eu, nesta altura, também me agachava e dava tempo a que ele se desapertasse ...

Logo de seguida, toca de pegar na carrela! O Ano Velho fazia exercícios para se equilibrar (eu também achava que era difícil ser Ano Velho), enquanto aqueles ombros «não ganhavam cama». Outro punha-lhe no regaço o prato das moedas e advertia-o que não se fizesse pesado, nem se pusesse a olhar para os lados.

E pronto, lá seguiam de novo, uns a praguejar por causa dos ombros quase em ferida, outros a bater às portas, enquanto a maioria, desafinada, se fazia ouvir:

— E bot'ó a... no ve... lho fo... ra, e venha o no... vo cá pa dentro, tarantantam, tantarantantam, tantarantantam.

E novamente devagarinho, uma janela se fechava ...

A CARTA AO MENINO JESUS

por ARTUR COSTA

Faltava uma semana para se comemorar, cristamente, o nascimento do Menino Deus.

As gentes, afadigavam-se nos preparativos para o grande acontecimento do ano, dirigindo as tradicionais mensagens de Natal aos amigos e familiares distantes da terra-mãe.

As árvores de Natal, os presépios, o Pai Natal, tudo era movimentado com entusiasmo e alegria. O sinal do tempo...

Nas escolas, os professores ensinavam às crianças os cânticos da época e a respeitar, com solenidade e muita fé, o exemplo que a Sagrada Família trouxera até aos nossos dias.

Na Vila ribeirinha do Cávado, emoldurada pelo frondoso e lendário Pinhal de Ofir, a tradição ainda tinha muita força e a crença não era palavra vã. Cilinha, era uma criança encantadora, de tenra idade ainda, alouradas tranças descaídas pelos ombros débeis, de olhar meigo e feliz. Tanto quanto se sabia, procurava imitar o Deus Menino nos actos e nas palavras, talvez influenciada pelo ambiente familiar (não por ser filha única) mas por tradição. Por isso, nesta altura, insistia junto dos pais, para escrever ao Menino Jesus a fim de fazer o seu pedido de prendas para o Natal.

Sendo o Menino Jesus tão bom, dizia, vai responder.

E assim, numa tarde pachorrenta e fria como tantas outras que antecedem o Natal, a Cilinha, pela mão de seu pai, atravessou o Largo da Praça e entrou no Correio. Pede um selo de quinze tostões pois, na mãozinha segurava vulgar carta fechada. Lambiscou o selo que afixou cuidadosamente no canto certo da carta, deu-lhe as pancadinhas do costume e, a saltitar de contente, aproximou-se do receptáculo das cartas e repetiu bem alto:

— «Para o Menino Jesus que está no céu».

Ficou-se uns instantes à espera de ouvir o barulho característico da chegada da carta ao fundo do receptáculo e rodopiou, de novo, para o Largo da Praça.

Dias depois, já Natal, quando a caminho da Igreja Matriz, não se escusou a fazer um agradecimento ao Correio pela pressa dada à carta enviada para o Menino Jesus. Recebera a resposta e tão bonita que até vieram as prendas encomendadas.

O exemplo sublime desta criança adorável encerra muito das tradições das gentes do Minho. Admirável na crença e no respeito pelos ensinamentos recebidos. Prova o fervor e a devoção pelas tradições cristãs.

A carta que a Cilinha enviara ao Menino Jesus tivera o tratamento que a missiva exigia, em resultado de um conluio entre o Papá e o respectivo funcionário.

As prendas recebidas valeram bem os quinze tostões pagos adiantadamente.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO